



O ESPELHO, O LABIRINTO, O FIO DE ARIADNE E O PÃO DA PALAVRA – ELEMENTOS DA LITERATURA JUVENIL

THE MIRROR, THE LABYRINTH, THE WIRE ARIADNE AND BREAD OF THE WORD - ELEMENTS OF JUVENILE LITERATURE

Celso Sisto¹

RESUMO: Neste artigo tratamos de caracterizar o território móvel da literatura juvenil e sua produção híbrida associada à idéia de adolescência como o estágio das contradições. O perfil do jovem delineado na literatura brasileira juvenil contemporânea é traçado a partir das obras “Vito Grandam”, de Zirado e “O rapaz que não era de Liverpool”, de Caio Riter. O espelho, o labirinto, o fio de Ariadne e a potência da palavra poética emergem então, como elementos que atraem o olhar do jovem leitor para essas obras, que enfim, podem servir de itinerário para outras obras da literatura juvenil brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: literatura juvenil brasileira contemporânea; representações da juventude; contradições; território móvel; perfil do jovem contemporâneo; itinerários.

ABSTRACT: In this article we characterized the movable territory of the literature for young people and her hybrid production associated to the adolescence idea as the apprenticeship of the contradictions. The youth’s profile delineated in the brazilian literature juvenile contemporary is drawn starting from the books “Vito Grandam”, of Ziraldo and “O rapaz que não era de Liverpool”, of Caio Riter. The mirror, the maze, the thread of Ariadne and the potency of the poetic word emerge then, as elements that attract the youth reader’s glance for those books, that finally, they can serve as itinerary stops other works of the brazilian literature for young people.

KEY-WORDS: contemporary brazilian literature for young people; the youth’s representations; contradictions; movable territory; the contemporary youth’s profile; itineraries.

INTRODUÇÃO

“Adolescência é janela

que se abre em ventania.

¹Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubeté (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutorando em Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e crítico literário de várias colunas dedicadas à literatura infantil e juvenil, na mídia impressa e *on line*.



*Há cantigas nas palavras
ousadas”
(Sylvia Orthof)*

A literatura juvenil, esse território móvel, porque local de trânsito é também *locus* de uma produção literária híbrida? Possivelmente. Escrever para um leitor que não quer mais ser confundido com criança, e que ainda não tem a maturidade do adulto para enfrentar determinadas questões é escrever em terreno movediço, em areia a ser lambida pelas ondas da tempestade, prestes a chegar. Como adequar uma linguagem literária à representação de mundo e a uma temática que possa interessar a esse leitor tão específico e ao mesmo tempo tão indefinível?

Sabemos que historicamente, esse jovem vem mudando de “cara”. Desde que a adolescência passou a constituir um conceito mais ou menos geral, surgiram as diferenciações que nos ajudam a separar, pelo menos hipoteticamente, esse território que demarca a passagem da infância para a vida adulta.

Essa passagem, que antes era talvez mais abrupta e que se coadunava com a entrada do jovem no mercado de trabalho, passou a não ser tão clara nos novos tempos. No século XXI os jovens muitas vezes prolongam ao máximo a adolescência e a juventude. Custam a sair da casa dos pais, demoram a entrar no mercado de trabalho, às vezes nem chegam a constituir uma nova família. Têm interesses menos coletivos e estão mais voltados para as satisfações individuais.

De modo geral, Marc Soriano ao abordar o tema adolescência e literatura, em seu livro “La literatura para niños y jóvenes” define a adolescência como o estágio das contradições (o desejo de chocar, a identificação com certos modelos sociais, as amizades apaixonadas, o aparecimento das aspirações artísticas, as apreciações críticas sobre a sociedade e os pais, a fragilidade afetiva, o papel social que se atribui a cada sexo, etc.). Diz também que a adolescência é a idade do tudo ou nada, da sinceridade, da zombaria, da



provocação, do silêncio, da duplicidade, das fugas, da droga e do suicídio. O autor traça as mudanças pleiteadas pelos jovens desde 1968, para logo acrescentar os agravantes das décadas seguintes: o progresso da informática gerando redução de pessoal; as demissões em massa; o descompasso dos jovens entre o desejo de encontrar trabalho e o respeito às suas qualidades pessoais. Com isso termina por traçar um retrato sombrio da adolescência, imagem que refaz ao dizer “esta descrição tão sombria poderia levar a pensar que a adolescência é o período mais triste e mais amargo da vida, e essa é, precisamente, a impressão que provocam muitos adolescentes afogados pelos conflitos familiares, militares ou profissionais. No entanto, para a maior parte dos jovens de nosso país, a adolescência é e segue sendo a época de muitos descobrimentos emocionantes e fundamentais: o desejo, o amor, os outros e a si mesmo, a música, a poesia, o peso da história e a evolução das mentalidades, o passado e o porvir, o patrimônio e a busca” (SORIANO, 1995, p.54).

Ao considerarmos as palavras de Soriano, estamos também levando em conta que esse perfil de jovem ainda é vigente. E que a situação dos jovens brasileiros muito se aproxima desta visão levantada pelo escritor francês.

Para verificar tal perfil na literatura juvenil contemporânea, elegemos duas obras, *Vito Grandam*, de Ziraldo, publicada em 1987 pela Editora Globo, e *O rapaz que não era de Liverpool*, de Caio Riter, publicado em 2006 pela editora SM. Acreditando que o livro de literatura é sempre um convite, nos propusemos a levantar os elementos que supostamente poderiam atrair o olhar do leitor jovem para estas obras.

Concentramos nossa investigação em quatro elementos: o espelho, o labirinto, o fio de Ariadne e o pão da palavra. Talvez estas sejam verdadeiramente as grandes descobertas da juventude: a necessidade de reconhecer-se no outro e o desejo ardente de fazer parte de um grupo; o dever de atravessar os conflitos e sair vencedor; a possibilidade de encontrar neste trajeto a ajuda de alguém mais bem preparado; e a obrigação quase moral de relatar essa aventura de viver. Aqui, essas suposições, embaladas de forma literária ganham corpo e consistência. Se este não é o caminho percorrido por todos os jovens personagens da literatura juvenil brasileira, estamos bem perto de reconhecer que de algum modo, seus itinerários podem ser assim traduzidos.



Vejam os primeiros, o que conta cada um dos livros.

Vito Grandam é a história narrada por um rapaz de 17 anos, que ao retornar ao Brasil, depois de alguns anos vivendo com o pai no Iraque, vai imediatamente ao encontro do tio, seu melhor amigo, quase de sua idade, num evento esportivo na Pedra Bonita, sem que ninguém da família soubesse que estava de volta ao país. O tio sofre um acidente e despenca, com sua asa delta, no topo de uma árvore. O narrador, que ainda não tinha conseguido ver o tio de perto, na tentativa desesperada de salvá-lo, corre pelas matas da floresta, indo parar no fundo de um buraco. Enquanto tenta entender também o seu acidente, enquanto tenta sair do buraco para dar continuidade à busca e ao salvamento do tio, faz uma revisão de todo o seu passado, que vai e volta na narrativa, sem uma seqüência linear ou cronológica, até que decide ser escritor.

O rapaz que não era de Liverpool é a história de Marcelo, um rapaz de 15 anos que descobre que é um filho adotado. Da primeira reação de revolta pelo encobrimento da verdade, até a ida para a casa de praia da madrinha, para poder pensar melhor na sua nova condição de filho posticho, o narrador vai e volta também nas suas memórias, reconstruindo fatos e momentos significativos de sua vida, entrecruzando-os com a paixão pelas canções dos Beatles, que herdou do pai. O personagem narrador, também vai tentar resgatar a sua história e lidar com sua dor através do exercício da escrita.

Portanto, expostas as duas narrativas, vamos aos elementos que nelas nos interessam!

O ESPELHO

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida a minha face?*

Cecília Meireles



A palavra espelho designa uma série de operações. A questão mais freqüente é: o que reflete o espelho? No dicionário de símbolos mais famoso, os autores dizem que o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. (CHEVALIER, 1990, p. 393). Termos que caem como uma luva para a nossa pesquisa! Para um jovem, em busca de suas verdades, o espelho, apesar de mostrar o exterior, torna-se incapaz de mostrar o que vai por dentro das coisas. Mas é exatamente esse “ser em essência” que os jovens estão em busca. O conteúdo do coração não se revela no espelho físico, mas se revela nos atos, nas palavras, nos pensamentos, se espelham de outra maneira. A consciência, a tomada de consciência de suas infinitas possibilidades é que faz desse período – a adolescência – ao mesmo tempo fascinante e apavorante.

Assim como o espelho tem um significado iniciatório, começamos nossa análise buscando entender a trajetória desses dois narradores como atos iniciatórios para a compreensão de si mesmos, para reorientação de seus trajetos e para a assunção de suas verdadeiras vocações: a escrita. Esse ato iniciatório, que ambos empreendem em suas trajetórias, portanto, ritos de passagem, vão desembocar na feitura de um livro, em ambos os casos. Mas, antes, respondamos às perguntas:

Os jovens buscam identificar-se nas leituras que fazem? Reconhecer suas características gerais e suas singularidades, seu grupo e seu lugar no mundo? Desconfiamos que sim. Toda leitura seria essa tentativa de se balizar, perante o mundo e diante do entorno. Dimensionar-se, em razão do outro. Comparar-se, em função do que vive o outro. Esse é o ritual que o jovem leitor cumpre, grosso modo.

Nas duas obras, o espelho, a identidade e a identificação que os jovens buscam, tem a função de revelá-los, outra função do espelho. Revelar a verdade, chegar à pureza, que deve ser entendida aqui como “em estado puro”, a essência. Então, se eu me procuro, eu me revelo.

Em *Vito Grandam*, o narrador procura a si mesmo, seu lugar, seu futuro profissional; quer demonstrar sua gratidão ao tio e melhor amigo, o Vitor. É no exato



momento de seu acidente que começa a perceber o seu destino e a perguntar-se sobre seu passado, juntando suas histórias, para formar a sua própria identidade, portanto, sua história individual:

Por que esses ombros tão largos, por que essas pernas tão longas, por que esses braços tão compridos, se não quero comer a Chapeuzinho Vermelho? Tenho quase um metro e noventa de altura e dezessete anos exatos. Ter dezessete anos não é redondo como ter dezesseis ou dezoito; é pontudo, tem quinas e cotovelos (como uma navalha). Não é doce; aperta igual pitanga verde.

Neste momento, parecendo um boneco de marionete com cordas todas trocadas, estou caído no fundo de um buraco escuro, perdido no meio da floresta. E agora, aqui, acabo de tomar uma decisão; eu vou ser escritor. (ZIRALDO, 1989, p.7).

O Tio Vito, ao salvar o narrador do afogamento, na infância, selou pra sempre com ele um pacto de amizade e gratidão. Esse tio-herói será para sempre o seu modelo, o seu espelho.

Quando o Vito chegou à beira do lago (...) eu já ia começar a afundar pela terceira vez. Estava morrendo afogado e, em vez de me afobar, prestava a maior atenção na minha morte. (...)

E aí eu vi o anjo.

Vi, desenhada contra o céu azul, a silhueta negra de um anjo de braços abertos – ou seriam asas? – como um Ícaro. E minha memória o fotografou, fez da cena um quadro, uma imagem congelada.

(...)

Vito fez tudo com tanta rapidez que as pessoas todas ainda estavam lá em cima, paradas, sem ação, olhando ele voltar comigo nos braços. Vito era um pouco maior do que eu, um tico mais franzino, e me carregava com esforço, seu corpo vergado para trás, minha cabeça encostada no seu peito. Sua respiração era ofegante e profunda e seu coração batia com força bem dentro do meu ouvido, eu escutando seu coração bater como um tambor dentro da minha cabeça, dentro de mim.

(...)

Foi nesse dia que nasci para a minha própria história.

Não me recordo de nada que tenha me acontecido antes, nada, nada.

Nasci exatamente no dia em que descobri o que era ter um amigo. E foi nessa noite que comuniquei à mamãe aquela minha primeira descoberta que fez tanto sucesso. (ibidem, p. 127-8-9)

Em *O rapaz que não era de Liverpool*, Marcelo se pergunta “quem é ele”? Qual a sua verdadeira família? Identifica-se com os Beatles, por conseguinte, com o ideal libertário daquela geração, fascínio que herdou do pai.



(...) Já seco, me encontro, olhos avermelhados, no grande espelho. Lá dentro, um outro eu me fita. Quem é aquele que me olha? Quem?

Marcelo. Eu ou alguém que não sabe nada de si mesmo? (Riter, 2006, p. 40)

E é o próprio Marcelo quem se interroga, no decorrer da narrativa:

Não sabem de meus pais. Talvez nem eu mesmo queira saber. De fato, pouco importa. Ou não? Terei irmãos de verdade? Que tipo de vida levam? Perguntas, perguntas, perguntas. Uma vida cheia de interrogações sem respostas se abre diante de mim. Eu que sabia me chamar Marcelo, que tinha família, endereço e tudo o mais. O que tenho eu agora? (ibidem, p. 47)

Pois essa avalanche de perguntas, acaba por nos convidar a atravessar o labirinto, a achar a saída, a encontrar *as respostas*.

O LABIRINTO

“Sempre imaginei tudo com obstáculos. Quando viajo de navio, há uma tempestade. Se sou um chefe guerreiro, começo sofrendo derrotas. E só no final conquisto a vitória. Porque quando tudo sai bem desde o início, a coisa fica chata”

(Janusz Korczak)

Sabemos que o labirinto está situado no palácio do rei cretense Minos, e lá dentro, encerrado o Minotauro. Teseu só conseguiu sair de lá com a ajuda do fio de Ariadne. Esse entrecruzamento de caminhos é o que nos interessa. Os caminhos sem saída, os que não vão dar em lugar nenhum, os que voltam ao mesmo lugar, os que conduzem à liberdade.

A idéia do labirinto é a de “circunscrever no menor espaço possível o mais completo emaranhamento de veredas e retardar assim a chegada do viajante ao centro que deseja atingir (Chevalier, 1990, p. 530).



Pois é exatamente isso que acontece nas duas obras em questão: os narradores, começam a puxar caminhos, fios e vão e voltam, e refazem e fazem novamente, na tentativa de conseguir organizar a sua própria história. Apesar da falta de linearidade, a história vai desatando nós até que a maior parte das respostas sejam encontradas. Ou, se preferirmos, a história vai se encaixando, mesmo que de maneira não-linear.

Pensando nos protagonistas, narradores das duas obras, poderíamos dizer: eles não tem muito claro esses trajeto, esses caminho, essa travessia... Mas sabem que precisam derrotar o “Minotauro”. Vêem-se, de algum modo, perdidos em seus conflitos, atravessando o labirinto, sem saber onde vão chegar. O conflito é que move os dois personagens.

Vito Grandam cai literalmente num buraco, na encosta da Pedra Bonita, quando estava correndo para salvar o tio que despencou de uma asa-delta em cima de uma árvore. Há na obra uma série de “lições de abismo” (expressão cunhada pelo próprio narrador): quando sofre de amor pela Glória, quando vai viver com o pai em Carajás e no Iraque (exílio), enfim. Ele remonta o seu trajeto, para chegar até o centro do labirinto, que é a sua própria escrita, o livro que se faz enquanto é narrado.

Há pouco mais de quarenta e oito horas, estava na Ásia, no meio da areia, no meio de uma terra sépia e seca, sem uma árvore sequer num raio de quilômetros. E, súbito, aqui estou eu, sufocado de clorofila, prestes a morrer de verde.

Se isso não fosse estragar meu livro, diria que parece um pesadelo. (Ziraldó, 1989, p. 55)

Em *O rapaz que não era de Liverpool*, Marcelo tem que lidar com a informação de que era adotado; para tanto, afasta-se, faz um auto-exílio, na casa de praia da madrinha, para conseguir colocar as idéias no lugar e atravessar esse momento de mudanças bruscas. O seu labirinto vai sendo suavizado na medida em que ele vai conseguindo colocar no papel a sua dor, o seu sofrimento. Quando, de algum modo, encontra-se fortalecido, volta para a sua casa, decidido a enfrentar a situação. O livro que escreve é a maneira encontrada para lidar com os conflitos:



Pego o quadro sem imagem. Não sou de Liverpool, já sei. Os garotos eram quatro. Só quatro. Mas quem é que garante mesmo que a matemática é precisa? Por vezes, dois mais dois não podem ser cinco?

Dois mais dois são cinco.

No meu, caso, pelo menos.

E antes de sair para o encontro com minha turma, pego meu caderno e escrevo a cena 17. Preciso encerrar este pedaço da minha história, para que uma outra possa surgir. Quem sabe uma mais fantasiosa, em que uma senhora respeitável torna-se assassina, picota a vítima dentro de seu próprio apartamento, depois envia os restos sabe-se lá para onde. Um garoto percebe. Sangue no tapete do corredor. E aí...

Dá uma boa história. Acho.

Afinal, não dizem que eu escrevo legal?

Então.

Então vamos á cena 17. Ela é que interessa agora. Apenas ela. (Riter, 2006, p. 127)

Pois se estamos acompanhando esses jovens protagonistas no seu trajeto pelo labirinto, estamos também percebendo que cada um deles leva em si, seu “fio” salvador. O fio da palavra. Essa é a única que vai libertá-los da prisão, que vai fazê-los achar o caminho de volta, que é também o encontro consigo mesmo!

O FIO DE ARIADNE

“É preciso desconfiar do primeiro sentido que se vê nas coisas”

(Émile Faguet)

A travessia de um labirinto é também o cumprimento de “provas discriminatórias, de iniciação, anteriores ao encaminhamento na direção do centro escondido” (Chevalier, 1990, p. 530). O labirinto anuncia a presença de alguma coisa preciosa ou sagrada (ibidem, p. 530). A preciosidade já de antemão sinalizada pela presença desse trajeto labiríntico é a penetração no seu interior; esse jovem que é conduzido ao interior de si mesmo, “a uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso da pessoa humana” (ibidem, p. 531). Os conflitos estão ali para que eles aprendam mais sobre si



mesmos. E para que a arrogância da auto-suficiência não os fira, eles reconhecem-se necessitados da ajuda de outrem.

O fio é o elo de ligação, o elemento que liga os diversos mundos e todos os seres. Nesse momento ficamos nos perguntando: quem vai ajudá-los a sair do labirinto? Quem vai oferecer-lhes o fio que os levará para fora do labirinto? Sabemos que há sempre uma ajuda, ainda que mágica. O fio de Ariadne é “o agente de ligação do retorno à luz” (ibidem, p. 431).

Se por um lado a decisão de fazer da palavra a salvação, o caminho de reencontro consigo mesmo é a concretização da história em livro; cada um dos protagonistas recebe de fato o apoio psicológico de pessoas muito próximas. No caso do protagonista do livro *Vito Grandam*, é o próprio tio Vito quem ajuda o protagonista, durante toda a sua vida, e até mesmo à distância, ainda sem saber. Vito é o herói, o modelo. São muitas as passagens em que o narrador reconhece o seu herói:

Aquele tio magrinho, ágil, de pernas finas, era o Gigante Gúliwer dos seus sobrinhos. (Ziraldo, 1989, p, 129)

Grandam que eu inventei sem querer, Vito Grandam, meu amigo, meu irmão. (ibidem, p. 131)

E inventei no dia em que o descobri, o líder, o menino maior de todos, nossa ponte para a margem dos adultos, o menino mágico, grande. (ibidem, p. 130)

No caso de *O rapaz que não era de Liverpool*, a namorada DJ é a ponte que o liga ao mundo, que o faz desejar encontrar a saída do labirinto que a vida lhe reservou. Mas a madrinha também é portadora desse fio de Ariadne, bem como a poesia e o desejo de ser escritor, já mencionados anteriormente. Mas é a namorada, que lhe manda cartas, no período do auto-exílio, que o ajuda a encontrar o seu eixo:

(...) nada me interessa mais do que ver você feliz (...). Sei que a barra tá pesada. Sei que você precisa se isolar de tudo. Sei que não tem nada a ver comigo. Sei tudo isso, mas não consigo ficar enchendo a minha cabeça de grilos e achando que de repente você, sei lá, vai voltar mudado e não vai mais gostar de mim. Eu gosto, viu. Sigo gostando e quero namorar você pro resto da minha vida (...). (Riter, 2006, p, 115)

Ao que Marcelo, responde, refletindo:



O mundo está cheio de pessoas como eu, diz a carta. Cheio.

Tantas vezes leio as palavras da DJ. Tantas quantas as inquietações que ela me provoca. Também amo a DJ. Disso não tenho dúvida. Quero ser seu namorado para sempre. Quero dizer as palavras – the words – mais adequadas. Sempre. Penso nas dos Beatles que ela me envia. Recado cifrado, será? (ibidem, p.. 115-6)

Consolidada a possibilidade de encontrarem um caminho satisfatório para a resolução dos conflitos, para a saída do labirinto, para o retorno aos seus lugares de origem, passemos à questão da escrita que primeiro sublima, depois descortina um novo caminho.

O PÃO DA PALAVRA

“O maravilhoso de se ler um livro é, exatamente, o que não vamos poder explicar por palavras, o indizível. Quem diz é o livro, ele nos escolhe, recolhe e lê. No máximo, o que fazemos é nos emprestar, não resistindo que, em nós, a palavra se traduza em cheiro, em rubor, em lágrima, em vida. Em outros livros.”

(André Lúcio Bento)

O pão é o símbolo do alimento essencial. Para esses jovens das obras em questão, o alimento essencial é a escrita. É através dela que eles conseguem se encontrar como indivíduo e como ser social. A escrita os conduz para os seus lugares no mundo.

Portanto, temos aí a literatura como alimento, o livro como alimento, a poesia como alimento. O pão se relaciona com a vida ativa, com os pequenos mistérios e com a multiplicação (Chevalirer, 1990, p. 682.).

As duas obras, além de estarem repletas de intertextos, tematizam o próprio fazer literário, discutem, de algum modo, o processo da escrita, e mostram o itinerário também da confecção dos livros, realizados pelos dois protagonistas. Então, as obras em questão são também a execução de um projeto estético.



Em *Vito Grandam* são muitas as passagens em que o narrador reflete sobre o exercício da escrita. O personagem considera escrever a maior aventura da vida:

(...) Neste momento, porém, estou escrevendo um livro e ele é vital para mim e não sei por que não faço a outra coisa que tenho o dever de fazer: sair daqui e ir à luta. Não adianta: agora quero escrever um livro perfeito e isso está me doendo de maneira insuportável.

Que me perdoem os descobridores, os heróis e os assassinos, os desbravadores, os mártires e os astronautas, mas não existe aventura maior do que esta de escrever um livro; Cristóvão Colombo que, de sua tumba, me desculpe; Neil Armstrong que me cumprimenta ao passar por mim. (Ziraldo, 1989, p. 67)

Em *O rapaz que não era de Liverpool* também estamos diante da metaliteratura... O livro enquanto conta a história de seu narrador, faz-se também:

Olho para a mochila, ainda não desfeita. Vejo o caderno. Folhas brancas à espera de algumas palavras. Como era aquela frase mesmo? Uma gaivota é aceno de adeus. Era isso? Escrevo na primeira página:

*Voa o pássaro branco sobre o mar,
não traz nada, nada leva,
seu bailado é só,
apenas,
um pobre aceno de adeus.*

Um diário, talvez, mais do que poemas, resolveria minhas inquietações. Não, não quero falar de mim agora. Queria mesmo era poder escrever meu passado. Penso em algumas cenas da minha vida. Tudo o que foi, ou é, importante.

O quê?

Fragmentos, retalhos, sem ordem de importância. Pego o caderno, vou até a varanda. Minha dinda poda as plantas do jardim. Anoto no alto da segunda folha: Cena I, e começo a me escrever. (Riter, 2006, p. 111)

Esses dois jovens encontram na escrita a sua redenção, depois de atravessarem o labirinto (ou, mesmo porque atravessam um labirinto!). Escrevendo eles agem, também simbolicamente, sobretudo no plano psicológico, para lidarem com seus conflitos. Esses pequenos mistérios, contidos na simbologia do pão, vão sendo resolvidos, na medida em que “falam” deles e “escrevem” sobre eles. E uma vez transformados em livros, torna-se possível o milagre da multiplicação do pão em palavras, das palavras em memórias, das memórias em histórias.



PARA AMARRAR O FIO, QUEBRAR O ESPELHO, SAIR DO LABIRINTO E COMER O PÃO

*Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
 Espera que cada um se realize e consume
 com seu poder de palavra
 e seu poder de silêncio.
 Não forces o poema a desprender-se do limbo.
 Não colbas no chão o poema que se perdeu.
 Não adules o poema. Aceita-o
 Como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
 no espaço.
 Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela resposta,
 pobre ou terrível, que lbe deres:
 Trouxeste a chave?*

(Carlos Drummond de Andrade)

Marc Soriano ainda no livro *La literatura para niños y jóvenes*, chega a afirmar que apesar de não ser função da leitura servir de terapia, admite que alguns livros podem ajudar os adolescentes de hoje em dia a superarem o estado de amargura e revolta violenta e a buscarem soluções construtivas para os problemas que lhes afetam, em particular o da desocupação e da droga. Passa, então, a apontar, que tipo de obra tem interessado ao jovem leitor e a falar de “literatura juvenil”², chamando-os de livros de transição. Considera dentro do campo de interesse dos jovens leitores contemporâneos os livros de humor negro e de gargalhada construtiva; os livros suscetíveis de reforçar o equilíbrio dos adolescentes, e de fazer-lhes rir e refletir sem anular a consciência, capazes de orientá-los

² O autor aproveita também para fazer menção à expressão “jovens adultos”, preferida por alguns outros pesquisadores.



para outros livros, que possam igualmente proporcionar-lhes informação sobre as questões econômica, social e política de que ainda carecem os jovens.

O pesquisador francês diz ainda que as características mais bem definidas dessa literatura juvenil é o predomínio do autobiográfico, a exploração de temática contemporânea e uma certa exemplaridade. Também afirma que obras de literatura geral, com uma apresentação gráfica específica, podem seduzir o público jovem.

Suas análises do momento atual fazem-no concluir que os jovens querem poder falar livremente dos problemas que os preocupam. Essa literatura pode estar ocupando o espaço da conversa sobre determinados assuntos, que deveria ser travada com os pais.

Em relação à linguagem das obras atuais, ele chama atenção para a sua sinceridade, amiúde crua e provocadora. Para, enfim, afirmar que finalmente, aparece uma cultura genuinamente adolescente (o rock, o graffiti, a iniciação sexual, etc.), enfatizando uma atitude leitora particular e própria.

Por último, lança um apelo: há que se encontrar uma maneira de escrever para esse leitor, que esteja entre “a linguagem de madeira ou de algodão dos adultos” e que não seja uma tentativa de resolver os problemas da vida com umas “poucas palavras multiuso, reconfortantes, ameaçantes ou sábias”. Há que se ter uma certa impertinência, um certo invento lingüístico não gratuito, metáforas engenhosas e surpreendentes. Sem perder de vista que a linguagem dos adolescentes é em geral pudica, metafórica e humorística. Uma tentativa de zombar da suficiência verbal dos adultos. A literatura para eles não pode se limitar a uma linguagem artificial. E deve revelar um “imenso e autêntico amor pela vida”. (Soriano, 1995, p. 57).

Pois é exatamente isso que percebemos nos livros *Vito Grandam* e *O rapaz que não era de Liverpool*. Essas características apontadas por Soriano figuram aqui, agora, como “meias verdades”, para serem completadas sempre pelos leitores, porque afinal, são os leitores que “atualizam” as obras.

E nesse momento agônico, em que tentamos encontrar as palavras finais para este ensaio, chamamos atenção, num último suspiro, para as coincidências das duas obras enfocadas: narradores em primeira pessoa; projeto literário muito claro; arquitetura do



texto em cortes entre presente e passado; o uso das letras do alfabeto em lugar de números (*Vito Grandam*) e o uso de cenas numeradas (recurso da escrita dramatúrgica) para contar os fatos do passado ainda dentro do mesmo capítulo (*O rapaz que não era de Liverpool*); clara tentativa de meta-literatura; o aparecimento dos novos modelos familiares; os protagonistas jovens que estão em pé de igualdade com os adultos na maior parte das coisas; a rica exploração de intertextualidades (obras, inclusive do universo juvenil e/ou adulto: Beatles, Robinson Crusoe, Salinger, etc.; linguagem coloquial e poética, ágil e rítmica. Atributos mais do que necessários e igualmente sedutores para aproximarem o jovem leitor da singularidade destas obras, sem deixar de apontar para uma certa universalidade. Afinal, em maior ou menor grau, com uma ou outra peculiaridade, ser jovem é construir identidades, experimentar, na busca de sentidos, valores, referências, limites simbólicos, com todos os riscos que isso comporta, como diz, de alguma forma, Michèle Petit, em seu livro *Os jovens e a leitura*.

Então, seguindo a trilha de seus corações, nossos protagonistas se aventuram por suas memórias. Embora jovens, essa memória ainda recente está repleta de emoções, poesia, beleza. E é ela quem os ajuda a constituírem-se ao mesmo tempo em que estão reconstituindo-se.

Usando as possibilidades do jogo literário, com um projeto estético claramente definido (ser literatura e “falar” ao jovem simultaneamente, explorando recursos narrativos que conferem suspense, ritmo e interesse à obra: cortes, cruzamento de diferentes planos, como presente, passado, futuro, memória, sonho, etc; intertextualidades, metalinguagem) as obras abordadas neste ensaio não constroem um arremedo de linguagem juvenil, tratam de assuntos de interesse desse “grupo” e possuem protagonistas verossímeis colocados à altura de realizarem plenamente suas travessias e seus projetos de vida, de forma atraente para o leitor. Aliás, a travessia do leitor será certamente de prazer e emoção, ao acompanhar lado a lado esses jovens narradores.

Elegendo seus modelos, identificando-se nas atitudes que os afetam, nas reações que lhes cabem, nas questões que elegem, vendo-se frequentemente no espelho, “esses



“jovens de palavra e papel” são capazes de quebrar o espelho, sair do labirinto, comer o pão e amarrar o fio da vida, para que logo, logo este seja também o fio das histórias.

Referências bibliográficas

CECCANTINI, João Luís & PEREIRA, Rony Farto (orgs.). **Narrativas juvenis: outros modos de ler**. São Paulo, Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2009.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). **Histórias de leitores**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo, Ed. 34, 2008.

RITER, Caio. **O rapaz que não era de Liverpool**. São Paulo, Edições SM, 2006.

SORIANO, Marc. **La literatura para niños y jóvenes: guía de exploración de sus grandess temas**. Traducción, adaptación y notas de Graciela Montes. Buenos Aires, Ediciones Colihue, 1995.

ZIRALDO. **Vito Grandam** (2ª ed.). São Paulo, Editora Globo, 1989.